

## À SOMBRA DO JATOBÁ...

### Aprendendo a Pescar

Uma prosa singela sobre a pesca esportiva nos rios brasileiros.

-Onze lições fundamentais:

A época do ano

A lua adequada

A melhor hora

A melhor isca

Procurando o cardume

Atraindo o peixe

O anzol adequado – a lei da adaptação

Muito trabalho e paciência.

Pescando com fé

A tralha indispensável

O bom companheiro

Fidencio Maciel, em janeiro de 2017

“Os deuses não contam na vida do homem o tempo em que ele passa pescando”.

Provérbio sumério

## Prólogo

Há trinta anos quero falar sobre este tema. Desde minha estada em Bagdá, de 1982 a 86, tenho refletido e recolhido material sobre o assunto.

No Iraque, quando tinha tempo, pescava nos lendários rios Tigre e Eufrates. Águas cristalinas, verde azuladas, banhando o berço da civilização suméria, cruzando desertos para desaguar no golfo persa, em Basra.

- Há quantos anos existe a pesca esportiva com linha e anzol?

O museu de Bagdá exhibe um anzol de cinco mil anos, grande, de uma liga de cobre, bem conservado; cabo achatado para atar a linha, sem o furinho no pé, como o modelo francês. Inacreditavelmente igual aos atuais.

E a antiga inscrição suméria, da mesma época, nos ensina que “os deuses não contam na vida do homem o tempo em que ele passa pescando”.

Com certeza, a pesca já era usada para aliviar o *stress*. Este o objetivo principal desse esporte tão antigo: aliviar as tensões do dia-a-dia, reforçando-nos o sistema imunológico, alongando-nos a vida. Mas, muitos argumentam:

-Não vejo grande vantagem! Existem mil maneiras de aliviar o *stress*. Todo esporte cumpre esse papel elementar. Além disso, há a ioga, a meditação...

Mas a pesca reúne condições muito especiais.

Vejam:

- obriga-nos a sair de casa por alguns dias, para acampar na natureza, isolando-nos do celular, da empresa, dos aborrecimentos diários e da família...

- acontece em lugares belíssimos, exuberantes, inacessíveis a turistas, pois de barco podem ser atingidos recantos muito escondidos; e a natureza nos rouba os sentidos, enleva-nos a alma, trazendo encantamento e saúde;

- a pesca esportiva faz aflorar o espírito de aventura: há sempre o desafio de subir ou descer as corredeiras vencendo águas bravas capazes de engolir barco e tripulantes; o perigo de acidentes aquáticos ou de ataques de animais selvagens ronda o pescador; à noite, em torno da barraca, todos os habitantes da floresta veem sorrateiramente dar uma espiada no invasor recém-chegado; as onças deixam seus rastros circunscrevendo o acampamento espantando os medrosos;

- a diversão é em grupo, com amigos e uma cervejinha. Apenas este aspecto já valeria a pena; muitos aproveitam apenas a farra, permanecendo no rancho e saindo ao rio de vez em quando;

- isolado do mundo, dentro do barco, imerso na natureza, vendo a água passar murmurando aqueles sons relaxantes por horas contínuas, por dias inteiros, as portas da alma se abrem e a prosa “rola” mansa sobre os assuntos mais íntimos; exatamente por isso os pescadores se tornam tão íntimos. Os psiquiatras não conseguem de seus clientes tamanha abertura. Veja a intimidade que Jesus tinha com os apóstolos e que eles tinham uns com os outros. Pescavam juntos. Quem traiu não era pescador.

De repente, um peixe entra no anzol e transforma esta quietude em pura emoção.

Este texto traz uma prosa singela sobre a pesca esportiva nos rios brasileiros, como convém, à sombra do jatobá: “a vida é um dom da natureza, mas uma vida bela é um dom da sabedoria”... diziam os gregos.

Venha comigo.

Fidencio Maciel, Caroba 05.10.2014

## AGRADECIMENTO

Aos companheiros que me ensinaram a pescar, desde a infância, começando por meus irmãos mais velhos; mais tarde, amigos me proporcionaram momentos lúdicos, aventuras e experiências das quais procurei filtrar alguma sabedoria. Estão presentes em cada frase deste texto.

Sempre comigo... alguns não moram mais aqui...

## O COMEÇO

Tenho aprendido a pescar desde a infância. Saía com meus irmãos mais velhos experimentando os córregos da fazenda onde fui criado. Vara de bambu tirada no bambuzal, bem tosca, linha de algodão, chumbada fundida com chumbos de caça da espingarda de meu pai; anzol “olho de mosquito” para pescar piabas e minhoca arrancada atrás do chiqueiro ou na horta de minha mãe. Havia uma minhoca brava, inquieta, e uma mansa. A brava era ótima!

No pequeno córrego, piabas, bagres e traíras. Quando o peixe era maior, a linha arrebentava.

- Cuidado pra não pular minha vara! ... Dava azar. Se pulou, tem que despular, ou seja pular pra trás, refazendo a sorte.

Uma vez viajei com meu pai até Cachoeira do Macacos, cidade da região, a qual não éramos habituados a frequentar. Fomos a uma loja grande que vendia de um tudo. De pano a coisa de fazenda. Fiquei maravilhado com as varas de anzol de bambu, envernizadas, retinhas, com a ponta encastrada. Lindas, maravilhosas! ...E os anzóis? De todos os tamanhos. Dos miúdos aos grandões pra pescar traíras. E as linhas transparentes, de nylon. Como? De quê? Tanta novidade! Chumbadas grandes e pequenas. Ainda tinha canivete, faca, chapéu, embornal...

Depois de adulto pesquei no Paracatu, no Paraopeba, no Rio das Velhas, no Urucuia e no São Francisco, que era a glória. Depois, no Araguaia, no Teles Pires, no Pantanal, na Amazônia, no Tigre, no Eufrates, no Indo, na África Central...

## ALGUNS CUIDADOS

### PERIGO

A onça, a cobra e o jacaré assustam mas, o animal mais perigoso da floresta é o mosquito. Há sempre uma febre rondando causada por um mosquitinho inoportuno, principalmente a malária<sup>1</sup>. Uma diarreia a exigir cuidados. A insolação castigando as pessoas de pele muito branca. E a inexperiência de convidados. Esta, gravíssima! Pode trazer o pânico que põe em risco a vida.

Estorinha:

Morro Pelado, Mato Grosso, perto de Cáceres. Éramos umas 15 pessoas: pescadores, cozinheiro, motorista, ajudantes. A praia era linda, e o rio Paraguai ainda mais. Toda manhã a gente ia ver na areia os rastros dos bichos que à noite nos visitavam. Como os animais silvestres são curiosos! Todos chegam pertinho para dar uma espiada nos invasores. Capivara, paca e onça aos montes. Quem for amedrontado, melhor ficar em casa.

Outra:

Eu morava em Camarões, na África Central, na cidade de Yaundé, capital do país. O ambiente é o da floresta amazônica. Árvores gigantescas, animais perigosos: cobras, crocodilos, hipopótamos...

Pescava no Nyong e no Sanagá.

Na falta dos velhos companheiros levava meu faz tudo, Damien. Alto, magro, Chadiano de raça fulbesa. Lavava, passava, costurava, cozinhava, servia à francesa com esmero e discrição.

Certa vez armamos a barraca em uma ilha do Sanagá<sup>2</sup>. À vista, uns vinte hipopótamos brincavam no rio. À noite saem às margens para pastar. Eu tinha medo que nos pisoteassem na barraca com aquelas patas enormes. Damien me ensinou e construímos uma barreira de garranchos fincados na areia em torno do acampamento e deixamos o fogo aceso. Disse-me que bastava o anúncio de nossa presença para que evitassem a

---

<sup>1</sup> Ainda não existe vacina contra a malária, também conhecida como maleita, sessão, impaludismo ou bate-quixo. Em alguns rios amazônicos é endêmica. Na construção da ferrovia Madeira-Mamoré, dizem ter morrido um homem por dormente, tendo a malária dizimado a força de trabalho. Na época, o cientista Oswaldo Cruz foi levado ao local. Na construção da estrada de ferro Belo Horizonte-Montes Claros, na travessia do rio das Velhas, em Lassance, a malária interrompeu as obras. Dr. Carlos Chagas foi conduzido a Lassance na tentativa de dar uma solução para a endemia. Ali, descobriu, estudou e descreveu a doença de chagas que leva seu nome. Em Camarões, onde morei, o impaludismo é endêmico. A população inteira sofre do mal e lhe é resistente.

<sup>2</sup> Rio Sanaga, República dos Camarões, na África Central

praia. Ao acordar, nenhum rastro perto da barraca. Saímos de barco, guardando uma certa distância dos bichos. O rio estava “ruim”. Mas, quase na hora de regressar entrou um capitão<sup>3</sup> de uns oito quilos. Atacou o anzol e saltou como um dourado. Valente!

Nunca enfrentei dificuldades com animais selvagens. Mas, vivendo na África, quase todos os meus colegas de trabalho sofreram malária, mesmo sem terem ido à pesca. Até nosso médico que, por ser médico, teve dose dupla.

Não aconselho levar pessoas muito brancas à Amazônia. Normalmente, não resistem à radiação solar nem aos ataques dos mosquitos locais. Padecem de febres e diarreias incomuns aos homens dos trópicos. Normalmente têm que retornar de avião, devido à precariedade do atendimento médico local.

#### Estorinha

Desidratação, diarreia, malária, antropófagos:

Estávamos em Lábrea, no Amazonas. A cidade fica na margem direita do Purus, ao lado da rodovia Manaus-Porto Velho. Malária era o que tinha. E a gente se prevenia tomando cachaça com alho, muito alho. Aquilo descia rasgando. Levamos um amigo italiano. Brasileiro, mas italiano de sangue. De pele branquinha. Adverti: está errado. Não poderia estar aqui. Europeu não aguenta a Amazônia, não. Dito e feito. Teve diarreia pesada e desidratou. Regressou de avião, às pressas.

Três indígenas paumaris prosavam no acampamento. Falavam português com pesado sotaque. Já estávamos amigos. E os colegas perguntavam sobre sexo, mulheres e palavrões. Eles traduziam, comentavam os costumes da tribo e se deliciavam com a prosa. Eu perguntei à queima roupa: vocês ainda comem gente? Não, não, responderam. Isto acabou. Os gaviões, nossos vizinhos, toda semana comiam um dos nossos. Foi planejado um ataque, de manhãzinha. Cercamos a aldeia e matamos homens, mulheres e crianças. Os que escaparam sumiram no mundo. Eu, tentando descobrir a época, discutindo com eles, verifiquei que o episódio se passara entre 1970 e 1975, mais ou menos.

---

<sup>3</sup> O capitão é um peixe de escamas que ataca a isca. Como o dourado dos rios brasileiros, ao ser ferrado salta se debatendo.

## **ACIDENTES COM PEIXES**

O ferrão do mandi e do surubim ferem de forma muito dolorosa. Os dentes da piranha, afiadíssimos, são capazes de aleijar os imperitos. Ou você solta ou mata o peixe de uma vez, evitando ferimentos ou tragédias na pescaria. Eu falei matar? É isto mesmo: mate a piranha, que é um perigo. Não tenha dó. Use a faca: há uma fenda vertical na cabeça dos peixes de escama, entre os olhos, bem visível, que é um ponto mortal. A piranha da bacia do São Francisco é enorme: pode chegar a quatro quilos. É valente no anzol. Lembro de meu irmão, Ary, quase aleijado por uma piranha que lhe arrancou um naco de carne na perna. Outro foi internado e ficou seis meses afastado do trabalho. Pisou no ferrão do surubim que estava no fundo do barco. Recomendação: use um alicate cortante e ampute o ferrão dos peixes de couro.

## **PÂNICO**

Cuidado especial com os colegas inexperientes porque podem entrar em pânico pondo em risco a vida de todos. Esta possibilidade representa elevado risco. Melhor se precaver. Não leve inexperientes. Mas, se o fizer, previna-se, tome seus cuidados. Perante o pânico, coletes salva-vidas.



## **Aprendendo a Pescar: Onze lições fundamentais**

Parece fácil...mas, não é. Melhor ouvir os mais experientes e aprender os segredos. São mil truques e manhas. Muita observação, uma tonelada de paciência, de persistência e trabalho.

Relacionamos a seguir onze lições.

### **1 - A época do ano**

- Quando pescar?

Normalmente não se pesca na época da piracema.

- Por que?

- Os rios estão cheios, turvos e os peixes sobem a corrente para desovar nos criatórios. Além disso, a nossa lei ambiental não o permite, protegendo a reprodução.

A época da pesca esportiva ocorre depois das monções. Depois da desova as águas baixam e clareiam paulatinamente até ficarem esverdeadas. Menor volume de água, mais fácil encontrar o peixe.

Conheço pessoas que tudo querem, agora. Mas a vida não é assim. Como a pesca, é necessário saber esperar a época adequada. Enquanto isso, planejamos, sonhamos com momentos lúdicos, inesquecíveis. O mel é delicioso porque é fabricado sem açodamento, com carinho, na estação própria. A doçura exige curtição. Como diz o Pequeno Príncipe: “se tu vens, por exemplo, às quatro, desde as três começarei a ser feliz”.

Esperar a pesca já é muito prazeroso. É o sonho à espera da realidade lúdica que se aproxima.

### **2 - A lua adequada**

Temos cerca de sete a oito dias de boa pesca nos trinta dias do mês. Dizem ser influência da lua. Seria, digamos, influência astronômica, protagonizada mais diretamente pelo ciclo lunar. Fácil de entender. Afinal, o planeta faz parte de um sistema maior.

Veja bem

Em noites de lua clara os peixes maiores se escondem por medo de serem caçados. E os peixinhos tomam conta do rio. Consequentemente, em noites

de lua clara, pesca-se maior quantidade de peixes miúdos. Contrariamente, nas luas escuras os peixes grandes saem à caça, porque se sentem protegidos pela escuridão. Deixam as águas profundas onde se escondem e se aventuram nas raseiras, ao longo das margens, caçando à flor d'água, sem temor.

Conclusão: há maior chance de peixes grandes quando pescamos na escuridão noturna, ou seja, na lua nova. Mais precisamente, recomendamos as duas noites que antecedem a nova. Peixe graúdo. Consequentemente, anzol grande, enorme isca viva, linha grossa, vara forte, bicheiro ao invés de puçá, carretilha ao invés de molinete, boa lanterna e experiência para enfrentar o rio na escuridão. Boa dose de coragem e vontade de fisgar um grandão com todos os riscos inerentes à lua escura. Um companheiro experiente é fundamental para apoitar ou conduzir o barco na ausência de luz. E que seja calmo, sem temor, vivido.

Entre a crescente e a cheia, os melhores dias. Da lua cheia à minguante é ruim.

Mas o homem da cidade vai à pesca quando os negócios o permitem. Vai no feriadão, ajunta mais três dias. Dificilmente consegue bom resultado.

#### Estorinha

Por volta de 1980, fomos à fazenda da Inhumá, no rio Paracatu-MG, afluente do São Francisco pela margem esquerda. Eu e Ivan ganhamos a dianteira e chegamos antes do caminhão com a tralha e os colegas. Constatamos que a praia escolhida para o pouso já estava ocupada por uma turma desanimada, há 5 dias acampada no local. Foram logo informando: estamos de partida; o rio está “péssimo”! Batemos em todo poço fundo. Pegamos apenas um surubim. Calmamente, descemos nossa tralha para dar uma saída, à tardinha. Dentro do barco, Ivan<sup>4</sup> comentou:

-Que ótimo! Estamos chegando na hora certa! Os dias “ruins” já passaram. Se bateram nos poções e não pegaram, o peixe está na raseira.

Pois nessa pequena saída, retornamos com quatro surubins, todos fisgados em água rasa. Oferecemos de presente à turma que ajuntava a tralha para a partida.

Outra:

Já pesquei no fabuloso Araguaia durante sete dias, incansavelmente, para fisgar apenas um fidalgo<sup>5</sup>!

A lição é esta: temos cerca de 7 a 8 dias de boa pesca por mês, quase todos no ciclo nova-crescente-cheia. Passado o período ruim, o peixe “corre”.

<sup>4</sup> Ivan França Costa, de Sete Lagoas.

<sup>5</sup> Fidalgo ou palmito: peixe de couro semelhante ao mandi; possui os olhos localizados nos cantos da boca.

Tenha em mente que os dias “bons” devem ser aproveitados ao máximo. Nada de papo no rancho! Os dias “ruins” virão em seguida e teremos tempo para aquela prosa.

-Mas eu já tive sucesso na minguante! - alguém poderá dizer!

-Amigo, com o anzol n'água, tudo pode acontecer. Até o impossível. Já vi até cobra e morcego no anzol. Peixes enormes em locais inacreditáveis. E já bati uma semana inteira no fabuloso rio Araguaia sem sucesso algum.

Quando o tempo muda, passando a frio, o peixe reduz seu ritmo vital e para de procurar comida, preferindo hibernar em seu esconderijo.

-Por que?

O peixe não possui sangue quente, como o homem. Seu sangue tem a mesma temperatura da água. Se faz frio, o peixe hiberna.

Quando passa a ventar, o rio forma pequenas ondas, o barco é sacudido e o peixe se aquieta mais uma vez, atrapalhando a pesca.

Como a vida, a pesca tem sua época, sua hora, seu tempo. E exige esperança, sonho, habilidade, planejamento paciente, metucioso e trabalho.

Esperar e sonhar com a pesca já é prazeroso, embora virtual, como se diz nesses novos tempos.

### **3 - A melhor hora**

Normalmente o peixe come duas vezes ao dia: ao nascer do sol e à tardinha. Nos locais muito visitados por embarcações, o grande desaparece, foge ou passa a comer à noite.

O horário de bater papo na barraca deve ser escolhido para que se não perca a hora do peixe. Isto é muito difícil. A prosa “rola” fácil, gostosa, difícil abandoná-la. A hora é essa: quando o primeiro raio de sol toca o espelho d'água; e à tardinha, após as 16h. Mas também se pesca à noite. Em locais de muito movimento, o peixe se protege passando a “correr” à noite.

É normal que a turma se divirta em torno do fogo noite adentro, abusando da bebida. Consequentemente, muitos levantam tarde e perdem a boa hora da pesca matutina. A bebida alegre, libera o stress, mas, via de regra, desorganiza. Lembre-se: **apenas duas coisas nos são prejudiciais: a falta e o excesso.**

**A boa pesca tem sua hora.**

**Aliás, tudo tem sua hora. Especialmente o conselho, a recomendação, o pedido e a verdade. Fora da hora, o conselho é intromissão, a recomendação é inoportuna, o pedido é negado e a verdade dói.**

## **4 - A melhor isca**

A isca é muitíssimo importante. Isca ruim, insucesso garantido. A melhor é aquela que o peixe esteja procurando.

Todo vendedor sabe que o cliente compra quando a isca é atrativa. Desta forma, saia de si e pergunte ao peixe o que ele quer almoçar. Como o peixe não fala, faça essa pergunta a seu porta-voz: o pescador ribeirinho. Conhece o peixe da região. Peça-o que consiga a isca. Certamente, ele sabe encontrar o peixinho preferido, às vezes em uma lagoa nas proximidades.

Pergunte às árvores frutíferas que crescem nas margens se o peixe anda comendo as frutinhas.

Estorinha:

Morro Pelado, Pantanal matogrossense, perto de Cáceres. Tínhamos levado a melhor isca: truvira, ou sarapó, que parece uma enguia, muito apreciada em nossos rios; e minhocuçu. Mas, a gente queria pegar cachara<sup>6</sup> e não estávamos tendo sucesso. Havia uma turma de São Paulo acampada nas proximidades fisingando um cachara atrás do outro. O segredo era a isca. O cachara estava buscando um peixinho próprio da região.

Mas, as iscas universais são a minhoca e o peixinho, vivos. Este exige anzol graúdo que possa fisingá-lo de forma a mantê-lo se debatendo por tempo mais longo.

A minhoca é a comida de qualquer peixe. Principalmente do miúdo.

A regra é ter duas opções. Digamos, uma vara grossa levando carretilha, linha e anzol compatíveis: um peixe vivo como isca; e uma vara fina com tralha adequada para usar minhoca.

Mas existem peixes herbívoros como o piau, a matrinchã, também conhecida como piraputama; o tambaqui, a caranha, ou pacu-caranha e o pacu. Esses peixes comem sementes e frutas. Recomendamos o caju, o jenipapo, a acerola...O jenipapo dificilmente se desprende do anzol, apresentando mais vantagem.

---

<sup>6</sup> Cachara ou zebrado: é um surubim listrado, como uma zebra.

As piranhas são muito carnívoras preferindo coração de frango ou de boi.

Recomenda-se preparar com antecedência esses petiscos.

-Lá a gente arranja a isca!

-Não! Isso não! Essa tarefa deve ser cuidadosamente realizada com antecedência.

**Lembre-se: o tempo gasto à procura da isca adequada é o melhor investimento.**

Realize esta tarefa com antecedência pois este item é decisivo para o sucesso.

A isca artificial é muito usada para todo peixe que ataca, ao invés de morder, como o tucunaré, o dourado e a piranha. São vorazes. Atacam a isca que esteja em movimento.

## **5 - Procurando o cardume**

- Onde está o peixe?

- Está no rio: procure-o. Por isso se pesca de barco.

Com certeza ele não está na barraca bebendo cerveja.

Regra de ouro: se não está no fundo, está no raso.

Alguns pescadores se afastam do rancho por dez, quinze quilômetros. Acho muito válido procurar o peixe em recantos raramente visitados. Mas existe um método simples que funciona bem: suba o rio, desligue o motor e desça no remo, parando aqui e ali, a cada quarenta metros, experimentando ponto por ponto. Com certeza, encontrará o peixe, se a lua for adequada.

Ao descobri-lo não o espante. Se ele tivesse uma arma, com certeza, estaria no tiro. O peixe “ouve” as pancadas no barco, mas não “ouve” a sua voz.

O peixe miúdo se esconde nas galhadas. O graúdo persegue o peixinho. Encoste o barco e apoite em posição favorável. Com certeza, vai perder muitos anzóis nos galhos. Faz parte.

Alguns preferem as corredeiras, como o dourado que ataca a isca. Ao descer o rio mansamente, com o motor desligado, poderá experimentar cada ponto. Certamente encontrará o cardume. Se você souber ler a natureza, descobrirá o peixe. A regra é desenvolver seu senso de observação. Se tiver talento, terá sucesso.

A prática da pesca desenvolve o senso de observação muito mais do que a escola convencional.

## **SURPRESA: tudo pode acontecer, se o anzol for lançado.**

Estorinha:

Tínhamos chegado a Porto Jofre, nas margens do rio Dois Irmãos, no Mato Grosso, após a aventura de transpor 39 pontes de madeira em péssimo estado, na rodovia Transpantaneira. Conseguimos montar o acampamento ainda em tempo de dar uma volta no rio. Eu estava ansioso para experimentar o Dois Irmãos. Um companheiro, barco de 6m e três varas: uma vara grossa com anzol muito grande, carretilha pesada e isca viva, graúda, para pescar o rei das águas; outra, com molinete, vara média, anzol médio, isca viva para um peixe menor; por fim, uma vara curta, fina, anzol pequeno, molinete mínimo e minhoca para peixinho. Lancei os dois primeiros anzóis com uma esperança enorme. Posicionei as varas no “secretário”. Começou aquele clima de grande expectativa. Tomei a varinha e joguei o anzol ao lado do barco para brincar com um peixinho. Aconteceu o inesperado. Como a linha e molinete eram fracos, dei linha, não forcei a vara com receio de que a linha arrebentasse. Pela puxada, vi que era grande. Talvez enorme. Gritei o companheiro para soltar o barco, pois a linha iria certamente, romper. Com barco à deriva, rio abaixo, retirei d’água os anzóis graúdos, que eram minha esperança. Uns trinta minutos lutando com o peixão. Morrendo de medo da linha arrebentar, até que o jaú boiou e encostou cansado. Bati o bicheiro, alcei e caí dentro do barco com aquele exemplar enorme. Estava exausto, suado e com a musculatura doendo. Retornamos ao acampamento para comemorar e pesar o troféu: 27 quilos! Naquela varinha com cabo de plástico. Fisgado no cantinho da boca. Não sei como aquele anzol não abriu! Foi o maior daquela aventura no Mato Grosso.

Outra:

Por volta de 1984-85 eu morava com a família em Bagdá. A colônia brasileira no Iraque era grande. Afinal, 40% do petróleo consumido no Brasil vinha de lá. Em plena guerra contra o Iran, um ataque aéreo estava sendo insistentemente anunciado pelo inimigo. Por precaução, foi realizada uma retirada dos brasileiros que se ajuntaram em um acampamento da construtora longe de Bagdá, no deserto de Tulaha, a caminho da Jordânia. Até o Embaixador foi para o refúgio, que era muito confortável, com cem famílias brasileiras, clube, hospital e supermercado. Mas a Diretoria pediu dois voluntários que aceitassem ficar na Capital. Eu e um colega do Paraná nos oferecemos, para desespero de nossas famílias. Combinei com o Chico<sup>7</sup>: vamos pescar no Tigre, debaixo da Al Jamhuri Bridge. Eu era doido pra jogar o anzol neste ponto do rio. Arrumamos a tralha e fomos. Havia nas proximidades uma bateria antiaérea que guardava a ponte. Lá fomos pedir permissão ao chefe militar. Ele não acreditava que

---

<sup>7</sup> Engenheiro Francisco Alberto Guiss, de Curitiba.

nós quiséssemos pescar. Mostramos anzóis, varas, molinetes...Ele ria, ria, não parava de rir desses malucos ...A aventura durou pouco. Lançamos anzóis pequenos e ficamos esperando um peixinho. Mas entrou um muito grande no anzol do Chico. E, como tirá-lo do rio, sem bicheiro, sem barco...Eu entrei na água e abafei o peixe<sup>8</sup> contra o barro da margem. Saí do rio abraçado ao troféu, eu e o peixe absolutamente sujos de uma lama fina. A gente não acreditava no ocorrido. Um olhava pro outro e ria, ria...Resultado: o ataque iraniano, tão anunciado, não aconteceu. Pedimos ao Pascoa, que comandava nossa casa de visitas, que assasse o peixe. Foi servido com arroz e mais nada, para 18 pessoas que se fartaram. Meu Deus, eu poderia ter morrido!

Mais outra:

Barco de seis metros com quatro pessoas é demais. Fica muito cheio, desconfortável. Mas Olívio queria ir. E o Paracatu era cheio de coivaras e garranchos pra todo lado. Como o primo era o intruso, emprestaram-lhe qualquer carretilha em qualquer vara, sem o menor carinho. Barco apoitado, os três pescadores lançaram anzol. E Olívio se pôs a perguntar como se lançava aquilo, todo desajeitado com vara e carretilha. Como ninguém o ajudou nem se mexeu ele fez o lançamento. O anzol subiu, subiu e embarçou no galho, lá em cima. Todos riram muito da falta de jeito do companheiro. Ele resmungou, xingou a vara, a carretilha, a linha, o espaço apertado dentro do barco...mas ninguém se mexeu nem deu qualquer ajuda. Passada uma meia hora, resolvemos mudar de pesqueiro. Todos recolheram seus anzóis e partimos para desengarranchar o anzol do desastrado. Ninguém tinha notado: linha na copa do pau mas o anzol estava na flor d'água colado no barranco. Nele, uma traíra grande, maravilhosa! E o sortudo ficou prosa! Deitou falação. Tirou o complexo.

## 6 - Atraindo o peixe

Já não temos a abundância de peixe que tínhamos há alguns anos. E os que nos restaram estão mais ariscos. É necessário atraí-los. Assim, faça algumas cevas com comida adequada, atraindo as variedades de peixe que lhe aprazem. Em três dias, se o peixe estiver “correndo”, terá sucesso. A aplicação desta regrinha pode dar mais resultados do que imagina. Em busca do peixinho vem o grande, predador.

Técnica de atração:

-um vidro de 5 litros, transparente, com dois terços de água, mergulhado no rio; dentro, peixinhos vivos.

---

<sup>8</sup> O peixe que fígamos é característico da região. Possui escamas e parece um piau. Com ele se faz o prato típico de Bagdá, o masguf, que é assado em um braseiro no chão à vista do cliente.

-um amarrado com mandioca, abóbora madura em pedaços e espiga de milho presa pela palha.

## **7 - O anzol adequado - a lei da adaptação**

O tamanho do anzol depende do peixe. Anzol grande, peixe maior.

Mude o anzol de acordo com o peixe que esteja “correndo”. Pesque com duas varas: uma com anzol grande, no “secretário” do barco, descansando; outra com anzol pequeno, na mão.

Você prepara tudo para enfrentar o peixe grande. Mas, no ponto em que apoitou está dando peixe miúdo. A regra é mudar imediatamente o anzol e se adaptar ao tamanho do peixe que esteja “correndo”. Isto é muito difícil porque as pessoas normalmente têm pouca flexibilidade e mínima capacidade de adaptação.

Adaptação: lembre-se que a vida é um movimento.

Adapte-se depressinha e aproveite o peixe miúdo porque ele vai passar.

Mais tarde pode “correr” o peixe maior. De nada adianta o anzol adequado dentro da caixa.

Poucos, muito poucos conseguem cumprir essa regra.

O homem tem imperiosa necessidade de se imobilizar em seus conceitos.

As empresas quebram por necessidade de mudança e de adaptação aos novos tempos. Nossa mente envelhece, emperra.

Conheço dois filósofos que trataram desse tema: Sidarta Gautama, o Buda; e Heráclito, filósofo grego pré-socrático.

Buda criou o conceito da impermanência, um dos pilares de sua filosofia. Estamos aqui de passagem. O planeta, o sistema solar estão passando rumo a um infinito desconhecido. A vida inteira é uma contínua mudança. E o homem, como um naufrago perdido, anseia por um galho no qual possa se agarrar. E se apega a tudo que toca. Este apego é a grande causa do sofrimento, diz Buda, o iluminado. Apego é egoísmo. E egoísmo é a porta da infelicidade.

Heráclito fala a mesma coisa de forma diferente. Compara a vida às águas do rio, que passam, mas a gente tem a ilusão de que seja a mesma água. Mas a que você viu já passou. O hoje é diferente do ontem.



Veja bem, caro leitor. A tendência humana é não mudar. Por isso, a regra de mudar o anzol é tão difícil de ser seguida. A tendência humana é o apego: a minha casa, a minha empresa, a minha mulher, o meu carro. E nada disso nos pertence.

Viva intensamente o agora, preparando o amanhã para que a passagem seja prazerosa.

**Pesque agora o peixinho que está “correndo” mesmo não tendo sido o que planejou. Delicie-se com esta atividade. Saiba que esse peixinho vai passar. Quando o grande vier, você já terá garantido algum lucro.**

Enquanto isso, de olho no futuro, pronto no “secretário”, um anzol grande com isca graúda, bem posicionado, aguarda silenciosamente o peixão. Ele pode aparecer de repente.

## **8 - Muito trabalho e paciência.**

Recomendação do Dalai Lama: “**não há nenhuma tarefa espiritual mais importante do que eliminar a nossa preguiça**”.

Anzol fora d'água não pega peixe.

O peixe não está na latinha de cerveja. Não está no acampamento. Trabalhe muito, no horário adequado. E desenvolva a paciência porque vai precisar dela para esperar a hora do peixe e para tolerar os mosquitos.

Aprenda a esperar. Saiba que a paciência é a mãe das virtudes. Sem ela, não há sucesso.

E trabalhe. Como dizia o Presidente Tancredo Neves: “para descansar, temos a eternidade”.

## **9 - Pescando com fé**

Pesque com fé! Se não acreditar na pescaria, certamente vai fracassar.

- Que significa pescar com fé?

Vou explicar.

A fé não é uma coisa mágica. Ela é embasada no planejamento minucioso que antecede a pescaria.

Primeira escolha: o rio, o local e a data. Não se pesca em qualquer lugar. Combine a data com a estação do ano e com a lua.

Existem várias atividades que antecedem a pescaria. Faça-as com amor.

Ao realizar as atividades de compra dos anzóis, das linhas, das varas, chumbadas, carretilhas, mentalize bons resultados. Pense na beleza do rio, nos banhos na praia, nas corredeiras deslumbrantes, nas sombras enormes, nos amigos, na emoção do peixe valente...Acredite na abundância. Mentalize o sucesso. Acredite em você. Repita a mentalização, abra a mente e interiorize o sucesso: fé!

Ao atar o anzol à linha, faça um nó bonito, perfeito. Acredite no nó.

Ao escolher o anzol, escolha o mais adequado, com carinho. Acredite neste anzol.

Ao escolher a isca, escolha a melhor: o peixe quer a melhor! Descarte as mortas. Acredite na isca que escolheu.

Escolha com carinho o melhor local para lançar a isca.

Ao lançar o anzol n'água, faça-o com perfeição. Arremesse-o naquele ponto escolhido.

A gente conquista aquilo que acredita.

## **10 - A tralha indispensável**

Em princípio, a pesca esportiva requer unicamente anzol, isca, linha e chumbada. Esta última tem duas finalidades: afundar o anzol e facilitar seu arremesso. Como arremessar o anzol sem um peso que facilite o lançamento? Assim, a chumbada permite lançamentos longos e precisos. Se o peixe é miúdo, chumbada pequena e arremesso curto. Se é graúdo, anzol, chumbada e isca grandes; arremessos longos.

Mas, para facilitar o arremesso longo e evitar embaraçamento, usamos vara e linha atada na carretilha ou no molinete.

Arremesso longo pede chumbada mais pesada; carretilha ao invés de molinete e vara mais longa, ou seja, acima de 2,2m de comprimento. Contrariamente, para arremesso curto, chumbada menor, molinete ou carretilha, e vara mais curta.

### **Varas**

Existem dois tipos de varas: de ação rápida<sup>9</sup> e de ação lenta<sup>10</sup>. A vara de ação rápida, ou de ação de ponta é menos flexível e a flexão se dá mais na ponta e, menos, no pé. Este tipo de vara “responde” com rapidez à fígada

---

<sup>9</sup> *Fast action* ou *tip action*

<sup>10</sup> *Progressive action*

do pescador ou à ação do peixe. Contrariamente, a vara de ação lenta é mais flexível e flete como um todo, dando uma resposta lenta à fisgada do peixe. É mais “devagar”. O golpe do pescador é amortecido e demora ser passado à frente.

Prefiro as de ação rápida.

As varas longas, comprimento acima de 2,20m, permitem arremessos mais distantes. Mas, seu manejo requer mais espaço. Contrariamente, as varas mais curtas incomodam menos, requerem menos espaço, mas permitem arremessos mais curtos, o que não é bom. O peixe foge do pescador, preferindo ficar mais distante do barco.

As varas modernas são de fibras de carbono, muito resistentes, flexíveis, levíssimas, lindas e baratas. Faça sua escolha. Até hoje sou fascinado pelas varas de bambu. Aquelas retinhas e envernizadas que não tive na infância.

### **Carretilha ou molinete?**

Prefiro a carretilha ao molinete: permite arremessos mais longos; é mais resistente do que o molinete porque seu eixo é perpendicular à vara. Mas exige mais treinamento do pescador para os arremessos. O molinete, de manejo mais fácil, é mais frágil e de arremesso mais curto porque possui eixo paralelo à vara, significando mais atrito ao desenrolar.

### **As linhas**

É praticamente desnecessário falar sobre a linha. Há trinta anos, nossas linhas eram muito ruins. Mas a tecnologia atual as disponibilizou finas e resistentes. Hoje, elas são tão maravilhosas que não há como escolher uma linha ruim. Assim, basta ler sua capacidade de carga e comprar a que melhor lhe parecer.

### **O encastão**

O anzol pode ser atado diretamente à linha. Mas corre-se o risco de perda total quando a isca é atacada por mordedores como a piranha, o dourado, a traíra ou o tucunaré que deceparam a linha e levam tudo. Para evitar essa perda usa-se encastoar o anzol a um cabo de aço; este atado à linha deve resistir à mordida do predador. Nas casas de pesca podemos adquirir o cabo de aço coberto de nylon, bem flexível, bem como os anéis próprios à fabricação do encastão. Assim, com a ajuda de um alicate, pode confeccioná-los conforme sua preferência: mais longos, mais curtos, mais resistentes...

## **A caixa**

Para completar esta tralha, o pescador deve levar ao rio uma caixa bem provida: carreteis de linha, chumbadas de vários tamanhos, anzóis de variadas dimensões; luva de algodão, canivete, faca, alicate de ponta longa que possa facilitar a retirada do anzol da garganta de peixes que o engolem; alicate para encastoar o anzol à linha e que também é usado para amputar o ferrão dos peixes de couro; cabo de aço para encastoar; kit de primeiros socorros; um pequeno facão. Acompanha esta tralha: uma cabaça para soltar o anzol preso nas pedras; puçá para embarcar matrinchãs e piaus que facilmente escapam do anzol no embarque; bicheiro para facilitar o embarque de peixes graúdos como o surubim, o jaú e o dourado. Usa-se protetor solar e protetor contra mosquitos. Um boné que possa proteger o ouvido do ataque de mosquitinhos. Sabão e toalha para os banhos de rio, pela manhã, normalmente em praias ou locais deslumbrantes. Uma marmita bem fornida e uma bebidinha, sem exageros.

## **Isca viva**

Truvira (sarapó) ou peixinhos de escama; e minhoca: se possível, minhocuçu.

### **Outras iscas**

Frutas, mandioca, grãos de milho, abóbora, massas especialmente preparadas, chicletes, jenipapo, caju, para peixes herbívoros como o piau, a matrinchã, o pacu, a caranha...

Coração de boi, de frango, para os carnívoros como as piranhas do São Francisco enormes e valentes.

## **Barco**

Acrescentamos à tralha um barco de 6m, de alumínio, que é bem leve: uns 80 kg. Com menos de 6m é muito instável. E um motor de 15 cavalos. A alternativa seria um barco de madeira, desses que ficam permanentemente no rio, de 7 a 9m, bem pesado e muito estável. O motor pode ser do tipo “rabetá”, mais leve, mais barato e mais lento. No rio não há necessidade de pressa embora muitos adorem a velocidade sobre as águas.

A preparação de toda esta tralha dá um trabalhão.

## **Conforto**

Um bom cozinheiro no acampamento faz muito sucesso e traz apreciado conforto. Invista na cozinha. Não vai se arrepender. A dupla cozinheiro e ajudante proporciona banquetes inesquecíveis.

## **11- O bom companheiro**

A pesca exige equipe.

Talvez seja este o item mais importante para garantir o sucesso: o companheiro experiente. Conhece rios, lagos, florestas, pássaros, bichos e peixes. Possui enorme senso de observação. Distingue os peixes pela puxada no anzol. Conhece os perigos das águas, mas não tem medo. É trabalhador, perseverante. Capaz de dar primeiros socorros. Não teme jacarés e onças. Se previne contra os mosquitos usando vacinas, cremes protetores e remédios caseiros. Contra a diarreia, farinha de mandioca. Contra os mosquitos, muito alho na cachaça.

Como não poderia ser diferente, isolados dentro do rio, na quietude espetacular da floresta, em locais belíssimos, enquanto a água murmura, a alma nos sai pela boca e somos capazes de soltar os segredos mais íntimos e de ouvir as revelações mais escondidas. Por isso, o companheiro é tão precioso! Ele divide as tarefas, ajuda na lida e nas decisões. E é capaz de nos ouvir com paciência e sabedoria.

Boa pesca!

**Fim**